

**Pontifícia Universidade Católica
PUC-SP**

FERNANDA ESTÁCIO DA SILVA

Ensino de redações: uma análise de operadores argumentativos

São Paulo

2014

**Pontifícia Universidade Católica
PUC-SP**

FERNANDA ESTÁCIO DA SILVA

Ensino de redações: uma análise de operadores argumentativos

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Profa. Dra. Sueli Cristina Marquesi, como
exigência do curso de Especialização em
Língua Portuguesa da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo.

**São Paulo
2014**

Toda jornada é acompanhada por pessoas especiais.

A minha possui algumas que tornaram – e tornam – minhas escolhas repletas de significados.

Agradeço ao meu pai, sem o qual nada faria sentido. À Nádia, que me acompanha em qualquer trajeto. À minha mãe, que torna meus estudos mais fáceis.

A todos os professores da pós-graduação da PUC-SP, pela contribuição em minha formação acadêmica. Agradeço especialmente à Professora Sueli Cristina Marquesi, que, além de confiar em mim, possibilitou uma caminhada por trilhas inicialmente inimagináveis, mas que direcionou meu amadurecimento e ampliação do meu conhecimento. Ao Professor Everaldo Nogueira Júnior, sempre ouvindo, auxiliando, instigando e contribuindo para o meu crescimento intelectual.

Às minhas amigas Tânia, Sarah, Dani e Juliana, cada uma, à sua maneira, tornando minha existência mais completa, amena e feliz. Ao Maurício, não só pelo companheirismo, como também por todas as discussões sobre o meu trabalho. À Natasha, um presente que contribuiu na organização de meus devaneios sobre a argumentação. À Fátima Silvestre, que, carinhosamente, propõe desafios e traz ensinamentos, enxerga e compartilha a beleza da docência, ajudando-me não só no meu percurso profissional, como também acadêmico. Aos meus alunos, que motivam meu aprimoramento. Ao Colégio Jardim São Paulo, que apoiou minha pesquisa.

A todos que, de alguma maneira, colaboraram ora me escutando, ora falando, ora me impulsionando para sempre seguir adiante.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	1
O DISCURSO ARGUMENTATIVO: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS	4
ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
ANEXOS	37

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diariamente cumprimentamos pessoas, transmitimos informações, fazemos reclamações, damos ordens, solicitamos ajuda, narramos fatos, contamos segredos, pedimos e manifestamos nossas opiniões, maldizemos alguns indivíduos, elogiamos outros, tudo isso por meio de palavras que não carregam apenas seu conteúdo semântico, mas também abarcam uma significância decorrente da intenção comunicativa do falante.

Por meio do discurso, os seres humanos desejam aparentemente informar, no entanto, por trás da simples informação, existem outras intenções como persuadir, fazer com que o interlocutor realize determinada ação ou, ainda, desencadear algum sentimento, ou seja, pretendem exercer alguma influência sobre outro.

Sendo assim, ao produzirmos um enunciado, realizamos uma ação por meio da linguagem, ação esta que, para ser compreendida, aceita e executada, demanda a compreensão do sentido intencionado pelo produtor. Por esse motivo, o contexto de produção é essencial, já que os mesmos enunciados produzidos em diferentes contextos adquirem significados diversos: uma ordem, um pedido, uma sugestão, uma ironia, entre outras possibilidades.

Nesse sentido, a situação de produção e a linguagem são ferramentas importantíssimas para essa realização, pois são elas que orientam os interlocutores a chegar a determinadas conclusões e induzem-nos a aderir ou não ao desejo manifestado. Em *A porta está aberta*, o enunciado pode conter diversos significados, como simplesmente informar, pedir para que ela seja fechada, mandar alguém embora, dizer que é possível sempre voltar, entre outros; a interpretação, e consequente adesão, depende também do contexto.

Dessa forma, os enunciados produzidos são essencialmente argumentativos, visto que:

[...] nos valem do discurso para descrever, explicar e justificar nossa opinião com o objetivo de levar o outro a aceitar nossa posição, como oradores, somos influenciados e demonstramos a realidade sob certos ângulos, justificamos nossa posição em termos aceitáveis para conquistar a adesão de nosso interlocutor, para propor uma nova visão de realidade, para ajustar nossos interesses à sensibilidade e interesses de quem nos ouve.¹

¹ FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e Persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 13.

Para atingir esses objetivos, construímos um discurso argumentativo a partir das diversas possibilidades linguísticas que mostram um posicionamento, uma ideologia.

Segundo Ducrot:

*[...] muitos atos de enunciação têm uma função argumentativa, que eles objetivam levar o destinatário a uma certa conclusão, ou dela desviá-lo [...] essa função tem marcas na própria estrutura do enunciado: o valor argumentativo de uma frase não é somente uma consequência das informações por ela trazidas, mas a frase pode comportar diversos morfemas, expressões ou outros termos que, além de seu conteúdo informativo, servem para dar uma orientação argumentativa aos enunciados, a conduzir o destinatário em tal ou qual direção.*²

Diversas são as estratégias utilizadas pelo locutor, tais como os advérbios e adjetivos que caracterizam uma atitude diante de um fato, as pressuposições indicando aquilo que desejamos dizer sem estar explicitamente dito, as inversões sintáticas para salientar determinadas informações, os operadores argumentativos conectando o texto e apontando para conclusões.

Conhecer essas estratégias é, portanto, fundamental para produzir um texto que conduza aos nossos objetivos enquanto locutores e também para perceber quais as intenções existentes nos textos com os quais nos deparamos enquanto interlocutores, no entanto, elas são pouco abordadas no ensino de Língua Portuguesa.

Considerando a relevância da argumentatividade para as produções textuais e a necessidade de sua abordagem no ensino de Língua Portuguesa, discutiremos nesta pesquisa a importância dos operadores argumentativos, isto é, dos conectivos, para a construção e orientação argumentativa dos textos.

Este estudo pretende também aprimorar nossos conhecimentos sobre o tema, para desenvolver uma prática pedagógica que propicie uma associação entre a aula e as pesquisas referentes à Língua Portuguesa, gerando, ainda, uma reflexão acerca do papel do professor em relação ao ensino de língua materna e, conseqüentemente, fornecendo ao aluno ferramentas que o tornem um leitor e produtor de texto mais consciente, autônomo e perspicaz.

Para tanto, examinaremos os denominados textos dissertativo-argumentativos escritos pelos alunos como produto do aprendizado das estratégias argumentativas, mais

² Apud TERRA, Ernani. *Subjetividade em textos jornalísticos*. In CINTRA, Anna Maria Marques e PASSARELLI, Lílian Ghireo. *A pesquisa e o ensino em Língua Portuguesa sob diferentes olhares*. São Paulo: Blucher, 2012. p 159 e 160.

especificamente, analisaremos os conectivos a fim de identificar como os alunos os utilizam para orientar o leitor para a conclusão desejada, já que tais textos seriam, por excelência, uma forte representação da força argumentativa.

Tentando responder a essas questões, refletiremos sobre o ensino dos operadores argumentativos aliado ao texto dissertativo-argumentativo à luz do referencial teórico da Linguística Textual e da Retórica.

A partir dos estudos organizados por Lineide do Lago Salvador Mosca (1997) e Luiz Antonio Ferreira (2010), verificaremos como se constitui o recurso retórico.

Com base nos estudos de Jean-Michel Adam (2011), determinaremos algumas das necessidades impostas pelos textos predominantemente argumentativos.

Analisaremos, também, a força da argumentação por meio das palavras, norteando-nos pelos estudos de Ana Lúcia Tinoco Cabral (2010) e Ingedore Koch (2011), e dos mecanismos de coesão e coerência textual com base, principalmente, na autora Ingedore Koch (2011), (2012), (2013a), (2013b).

Assim, no primeiro capítulo da investigação, discutiremos as teorias sobre a argumentatividade e sobre os operadores argumentativos. No segundo capítulo, analisaremos como os alunos os utilizam em favor da argumentação a partir da análise de seus textos, concluindo, na sequência, o trabalho.

O DISCURSO ARGUMENTATIVO: ORIGENS E DESDOBRAMENTOS

Uma das grandes escolas de iniciação da savana sudanesa, o Komo, diz que a Palavra (kuma) era um atributo reservado a Deus, que por ela criava as coisas: “o que Maa Ngala (Deus) diz é”.

Hampâté Bâ

A palavra, esta que permeia nosso cotidiano, que constitui nossas relações, que nos configura como seres sociais, possui um poder que nos permite não somente nomear objetos ou estabelecer comunicação, como também influenciar, criar, agir, convencer, ou seja, provocar algo no outro, características que fundamentam o discurso argumentativo.

A argumentação, objeto de estudo de muitos pesquisadores atualmente, surgiu, segundo Ferreira (2010), com o discurso retórico na Magna Grécia com dois oradores que defendiam os interesses das vítimas do tirano Trasíbulo, que subtraía as terras de seus donos legítimos, no entanto os patronos buscavam não necessariamente o verdadeiro, mas sim o verossímil, aquilo que é probatório.

Ao traçar o percurso da retórica, Ferreira (2010) afirma que, posteriormente, Górgias estudou a linguagem e produziu belos discursos, fazendo desaparecer a noção de verdade como algo essencial. Então, os sofistas, discípulos de Górgias, passaram a ensinar que era necessário bem argumentar em qualquer situação, obtendo, portanto, a razão e conseqüente adesão do público.

O referido autor mostra-nos que Aristóteles também realizou estudos sobre o texto persuasivo, mostrando que a retórica aborda o conhecimento provável, em que residem a crença, a opinião, o verossímil, os sentimentos, as paixões.

Cícero, em Roma, viveu a época da eloqüência, repensou a teoria aristotélica, apresentando a retórica como a arte da força e da beleza da palavra, elevando-a ao nível de arte, e Quintiliano criou a pedagogia da retórica aristotélica, que consiste na estrutura do discurso.

Ferreira assegura ainda que, na Idade Moderna, a Retórica perdeu o prestígio, pois passou a abordar as figuras e os artifícios de linguagem em detrimento do caráter argumentativo e, com o advento do Romantismo e das correntes científicas, e conseqüente

necessidade de sinceridade e comprovações científicas, a retórica foi esquecida e só ressurgiu em 1960 na Europa com a nova retórica, que não mais pretendia ensinar a elaborar textos, mas oferecer caminhos para analisar e interpretar discursos variados que eram antes excluídos do campo da retórica, como a poesia.

A nova retórica incorpora novos campos em que a linguagem verbal e não verbal interagem, como a publicidade e o cinema, mostrando que a argumentação está presente no cotidiano das pessoas, em todo ato linguístico, já que ele busca necessariamente tocá-las de alguma maneira. Assinala o poder das palavras, da opinião, da perspectiva, do plausível, do verossímil, do razoável, do crível para construir um discurso e persuadir o interlocutor.

Sendo assim, segundo a nova retórica, os textos, independentemente do gênero textual ou literário em que se encaixam por causa das características em comum, possuem uma força argumentativa haja vista sua finalidade.

A retórica aristotélica, que determinou durante muito tempo os estudos e o ensino referentes à argumentação, propõe, consoante Ferreira (2010) e Mosca (1997), um discurso composto por quatro partes, *inventio*, *dispositio*, *elocutio* e *actio*, ao qual os romanos, segundo Mosca (1997), acrescentaram mais um componente para constituí-lo, a *memoria*.

A primeira parte é denominada *Inventio*, que consiste no momento em que se buscam as provas, os argumentos e materiais para sustentar o discurso.

A segunda parte do discurso é a *Dispositio*, que se refere à estrutura textual, isto é, como o texto será organizado e como os argumentos serão distribuídos. É composta pelo exórdio, ou seja, a introdução do discurso; pela narração, exposição dos fatos e escolha de um ponto de vista; pela confirmação, comprovação das afirmativas e argumentação para atestar o ponto de vista; e peroração, a conclusão do discurso.

A *Elocutio*, terceira parte, trata da maneira como o discurso é escrito, ou seja, quais as escolhas linguísticas realizadas para tornar o discurso mais elaborado, por isso é preciso optar pela correção, concisão, clareza, adequação e elegância, formando um estilo, que pode ser simples, médio ou sublime.

Já o ato de tornar público o texto produzido pelos procedimentos anteriores, trabalhando, portanto, com a gestualidade e elementos como o ritmo, a pausa, entonação, entre outros, é conhecido como *actio*. É o momento de transmissão-recepção do discurso.

Conforme afirma Mosca (1997), a *Memoria* consiste na retenção do discurso a ser transmitido, considerando, por isso, a oralidade, que permite não só guardar a informação devido ao encadeamento lógico, como também improvisar, adaptando o discurso às possíveis refutações.

A estrutura do discurso e a força dos argumentos nela dispostos, segundo a retórica, determinam a argumentação, enquanto a abordagem proposta pela nova retórica afirma que a argumentação encontra-se nas escolhas linguísticas.

Essa abordagem inovadora acentua a força das palavras e o contexto de produção dos enunciados com base na Teoria da Enunciação e na Teoria dos Atos de Fala.

Para abordá-las, é necessário anteriormente fazer uma distinção muito importante entre frase, enunciado e enunciação. Koch (2013a) afirma que a frase é uma produção gramatical estruturada de acordo com as regras do sistema linguístico, podendo ser realizada inúmeras vezes, já o enunciado consiste na realização da frase por pessoas diferentes em momentos diversos, isto é, toda vez que uma frase é pronunciada durante a interação, há um enunciado. A enunciação, por sua vez, é um evento que só ocorre uma vez, pois considera tempo, lugar, relações sociais, papéis sociais, objetivos da interlocução, que são diferentes cada vez que o enunciado é produzido.

Assim, a Teoria da Enunciação, ainda conforme Koch (2013a), considera a enunciação como a produção do enunciado mais seu contexto de produção, elementos que determinam o significado, e conseqüente compreensão, que é sempre único, já que os elementos que compõem o contexto são variáveis.

É preciso considerar também a Teoria dos Atos de fala (KOCH, 2013a), que entende a linguagem como uma maneira de agir, o que significa afirmar que, por meio da linguagem, influenciamos de alguma maneira o outro.

Austin, o pioneiro dos estudos da Filosofia da Linguagem, apresentou-nos três tipos de atos de fala: locucionários, ilocucionários e perlocucionários.

O ato locucional consiste em produzir enunciados providos de sentido e formados por orações que seguem as regras gramaticais do sistema linguístico.

O ato ilocucional atribui aos enunciados uma força que depende da situação de comunicação, ou seja, um enunciado pode significar uma crítica, uma ordem, uma pergunta, uma promessa, dependendo do contexto em que os participantes se inserem.

O ato perlocucional consiste no efeito provocado no interlocutor: susto, convencimento, comoção, entre outros.

Dessa forma, todo ato de fala consiste no somatório do ato locucional, ilocucional e perlocucional. Segundo Koch (2013a, p.19):

“todo ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, caso contrário não seria um ato de fala: sempre que se interage através da língua, profere-se um enunciado linguístico dotado de certa força que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não aquele(s) que o locutor tenha em mira.”

A enunciação é, portanto, um evento único, visto que é formada por um conjunto de atos de fala que se modificam constantemente, pois dependem da emissão, realização e compreensão daquilo que se pretende enunciar. Por esse motivo, é preciso reconhecer a frase como gramatical (ato locucional), como também o contexto em que ela é empregada para que se compreenda o sentido do enunciado (ato perlocucional) que se deseja transmitir (ato ilocucional).

Conforme Koch (2013a), a partir de uma crítica à Teoria dos Atos de Fala, surge nos países da antiga União Soviética a Teoria da Atividade Verbal com base nas ideias de Vigotsky. Acreditava-se que a Teoria dos Atos de Fala assumia como foco o papel do locutor, mas muitos seguidores da Teoria da Atividade Verbal acabam também abordando a atividade do locutor ao asseverar que ele deve garantir as condições necessárias para a compreensão das intenções, fazendo, assim, com que o interlocutor aceite executar os objetivos pretendidos.

Para que isso aconteça efetivamente, cabe ao interlocutor estabelecer as relações entre o enunciado e seu contexto de produção e entre o que está explícito e implícito para que a produção de sentido aconteça, por isso é também necessário que o interlocutor recorra ao seu conhecimento de mundo e ao conhecimento partilhado para construir o sentido pretendido. O sentido é produzido, portanto, no interior da interlocução como afirmam também as teorias anteriores.

Assim, as condições de emprego dos enunciados são determinantes para que ocorra a construção do sentido, isto é, os papéis sociais dos envolvidos, a adequação do discurso à

situação, os atos de fala possíveis, o que Ducrot chama de leis do discurso, princípios que regem a interação e que o interlocutor acredita que sejam empregados.

Para estabelecer as leis do discurso, o linguista francês, criador da Semântica da Enunciação, inspirou-se no princípio de cooperação que rege a conversação apresentado por Paul Grice, que propõe a mútua cooperação para que a comunicação aconteça de maneira adequada.

O princípio de cooperação, segundo Koch (2013a) e Cabral (2010), é constituído por quatro máximas para a interação eficiente: a máxima de qualidade, que consiste em se dizer o que é verdadeiro; a máxima de quantidade, que propõe que seja dito o necessário; a máxima de relevância, que sugere que se diga apenas o que é relevante; e a máxima de modo, que postula serem necessárias a clareza e a concisão.

Por trás do emprego das leis do discurso, existem intenções ligadas ao comportamento social dos envolvidos, que desejam exercer ações sobre o outro, produzindo enunciados dotados de força argumentativa.

Segundo Ducrot, há na língua elementos que indicam a orientação argumentativa dos enunciados, os quais costumam ser denominados marcas linguísticas da argumentação.

São diversos os elementos que indicam a argumentação, como os tempos verbais, as pressuposições, os operadores argumentativos, entre outros.

A orientação argumentativa, isto é, a direção para a qual apontam os enunciados, é sinalizada por elementos da gramática, os operadores argumentativos, que nos são apresentados como conectivos. Reconhece-se, a partir de então, que eles não são meros elementos de ligação, mas sim de orientação, pois articulam as informações de um texto para conduzir-nos para determinada direção.

Consoante os estudos de Cabral (2010) e Koch (2013a), Ducrot se vale de duas noções importantes para explicar como funcionam os operadores: a classe argumentativa e a escala argumentativa.

Define-se como classe argumentativa “um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão” (KOCH, 2013a, p.30).

Para conduzirmos à conclusão de que “João é um bom pai”, utilizamos três argumentos:

1. Preocupa-se com a educação formal de seus filhos.
2. Estabelece diálogo com suas crianças.
3. Sabe impor limites sem agir com violência.

Os três argumentos constituem uma classe argumentativa, pois possuem o mesmo peso para conduzir o interlocutor a concluir que João desempenha um bom papel como pai.

Quando, dentro de uma mesma classe argumentativa, estabelecemos uma ordem entre os argumentos em conformidade com sua força, instaurando uma hierarquia entre eles, temos a escala argumentativa.

Ao tentarmos conduzir à conclusão de que “Lucas não pegou o gabarito da prova de biologia”, são utilizados os argumentos abaixo:

1. Os alunos acreditaram em suas palavras.
2. O professor acreditou em suas palavras.
3. O diretor acreditou em suas palavras.

É possível estabelecer uma hierarquia entre os argumentos – sendo que o argumento 3 é o mais forte. Poderíamos, portanto, construir o enunciado da seguinte maneira: Lucas não pegou o gabarito da prova, acreditaram em suas palavras, os alunos, o professor e *até mesmo* o diretor.

A decisão com relação ao destaque - ou não - de algum argumento cabe ao locutor, que nos fornece pistas para desvendar seu posicionamento, por isso a escala argumentativa depende da intenção dele e da situação de comunicação. Essas pistas são marcadas linguisticamente no discurso pelos operadores argumentativos.

Koch (2013a, p31-40) apresenta-nos os principais tipos de operadores argumentativos:

1. *Operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão: até, mesmo, até mesmo, inclusive.*

Lucas não pegou o gabarito da prova, acreditaram em suas palavras, os alunos, o professor e *até mesmo* o diretor.

2. *Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: e, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso..., a par de..., etc.*

Ele não é só um bom pai, *mas também* um bom marido.

3. *Operadores que introduzem uma conclusão referente a argumentos apresentados em enunciados anteriores: portanto, logo, por conseguinte, pois, em decorrência, conseqüentemente, etc.*

Não podemos nos calar diante de tanta injustiça, *portanto* vamos à luta.

4. *Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas: ou, então, quer... quer, seja... seja, etc.*

Vamos à luta. Ou vamos nos calar diante de tanta injustiça?

5. *Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, com vistas a uma dada conclusão: mais que, menos que, tão... como, etc.*

- Preciso que Joana faça o relatório.

- Maria é *mais* competente *que* Joana.

6. *Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior: porque, que, já que, pois, etc.*

Ele não conseguiu realizar suas atividades, *pois* esteve internado durante um mês.

7. *Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: mas (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.), embora (ainda que, posto que, apesar de (que), etc.).*

O uso do operador argumentativo *mas* e seus equivalentes ocorre sempre a partir da apresentação de um argumento para levar o leitor a uma determinada conclusão, *mas* posteriormente é colocado um outro mais forte e decisivo que leva à conclusão contrária.

Ele é um bom aluno, mas não consegue tirar boas notas.

O operador argumentativo *embora* e seus equivalentes, assim como o *mas*, inserem um argumento que orienta o interlocutor para a direção contrária, no entanto as estratégias são diferentes. Segundo E. Guimarães³, ao utilizar o operador *mas*, o locutor opta pela “*estratégia do suspense*”, já que introduz o argumento mais forte depois, enquanto, ao optar pelo “*embora*”, ele escolhe a “*estratégia da antecipação*”, pois anuncia que o argumento introduzido pelo *embora* não será considerado.

Embora ela esteja apaixonada por Marcos, prefere não ficar com ele.

8. *Operadores que têm por função introduzir no enunciado conteúdos pressupostos: já, ainda, agora, etc.*

Ela já se casou? (Pressupõe-se que anteriormente ela não estivesse casada)

9. *Operadores que se distribuem em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, numa escala orientada para a negação total: um pouco e pouco, quase e apenas.*

Ela trabalhou um pouco. / Ela trabalhou pouco.

Quase 90% dos alunos tiraram boas notas./ Apenas 10% tiraram boas notas.

O domínio das estratégias discursivas, como os operadores argumentativos, é extremamente importante não só para persuadir o outro, como também para perceber quais as estratégias por ele utilizadas para induzir-nos a chegar aos seus objetivos, isto é, entender os operadores argumentativos significa compreender a formação dos enunciados, dos períodos e das sequências e a sua força argumentativa.

Os operadores argumentativos conferem uma força argumentativa aos enunciados, entretanto ela não os impede de formar sequências que não sejam necessariamente classificadas como argumentativas.

³ Apud KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2013a. p 37.

Jean-Michel Adam (2011, p 253) afirma que o movimento da sequência argumentativa coloca em evidência duas ações:

“demonstrar-justificar uma tese e refutar uma tese ou certos argumentos de uma tese adversa. Nos dois casos, o movimento é o mesmo, pois se trata de partir de uma premissa (dados, fatos) que não poderiam ser admitidas sem se admitir, também, esta ou aquela conclusão (C). Entre os dois, a passagem está garantida pelos “procedimentos argumentativos” que assumam a forma de encadeamentos de argumentos-provas, correspondendo ora aos suportes de uma lei de passagem, ora microcadeias de argumentos ou a movimentos argumentativos encaixados.”

O autor apresenta a composição da sequência argumentativa:

1. Tese anterior, que dialoga com a nova tese e que pode ser contestada e nem sempre está explícita;
2. Dados, afirmações que orientam para uma determinada conclusão;
3. Sustentação, pressupostos que servem de base para os argumentos;
4. Restrição, contra-argumentação direcionada à conclusão;
5. Conclusão (nova tese), novo ponto de vista defendido.

Sendo assim, as sequências argumentativas pressupõem argumentos que levem a uma nova tese, diferentemente de outras sequências como as narrativas ou descritivas, que apresentam estruturas diferentes.

A sequência narrativa, por exemplo, é composta essencialmente por três momentos: a situação inicial, estável com algo um tanto perturbador; o nó, que instaura o desequilíbrio; e a situação final, em que tudo é resolvido e se instala novamente o equilíbrio.

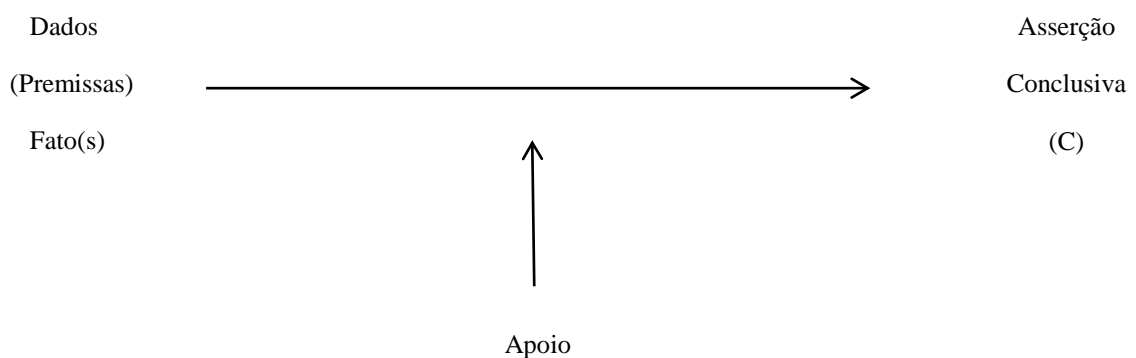
Já a sequência descritiva apresenta as características dos objetos, pessoas, ambientes e ações conforme uma perspectiva, uma visão. São sequências desprovidas de tempo que incluem uma progressão enumerativa com uso recorrente de comparações e metáforas.

É possível perceber que as sequências apresentam estruturas diferentes, e que apesar disso, a força argumentativa mantém-se presente, já que, no ato de produzir textos, existe uma força ilocucionária.

As macroproposições que compõem as sequências argumentativas apresentadas por Adam não precisam seguir uma ordem linear obrigatória, já que a nova tese pode ser elaborada no início e retomada por meio de uma conclusão. Além disso, a tese anterior e a sustentação podem estar subentendidas.

Devido à sua estrutura, o esquema da sequência argumentativa proposto por Adam pode ser associado ao discurso retórico aristotélico, principalmente no que se refere à *dipositio*, momento em que se determina a estrutura do discurso.

Apesar de o esquema possuir um acréscimo para considerar possíveis restrições, isto é, contra-argumentos que consolidem um posicionamento, há alguns pontos que foram mantidos com relação ao discurso retórico como os dados, que correspondem à narração; a sustentação, que equivale à confirmação; e a conclusão, que se equipara à peroração, cerne do esquema de base de Van Dijk (Apud ADAM, 2011, p 233):



No exórdio, a introdução, normalmente, apresenta-se o assunto a ser abordado, que pode dialogar com teses anteriores ou trazer um novo ponto de vista, uma nova tese que pode ser retomada na peroração, ou seja, conclusão.

Essa estrutura de base forma desde enunciados até sequências argumentativas e é também perceptível em um gênero textual ensinado nas escolas, o texto dissertativo-argumentativo, composto por três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na primeira parte, é inserida a tese, isto é, a ideia central a ser discutida e comprovada nos parágrafos seguintes que compõem o desenvolvimento, aproximadamente três parágrafos, em que haverá argumentos convincentes nos quais se expõem raciocínios, provas, exemplos, citação de autoridade e justificativas. O último parágrafo é destinado à conclusão, trecho em que se condensa a essência do conteúdo anteriormente desenvolvido.

Certamente as escolhas linguísticas desempenham papel fundamental não só com relação às sequências argumentativas, argumentativas por excelência, como também a qualquer enunciado, conferindo-lhe uma força argumentativa.

As estratégias linguísticas, grande foco de pesquisa da nova retórica, pertencem à elaboração do discurso, que, segundo o modelo aristotélico, consiste na parte denominada *elocutio*. Por considerarmos a elaboração do discurso essencial para efetivar a persuasão, serão analisadas no próximo capítulo as redações escolares, partindo do princípio que o texto dissertativo-argumentativo é formado por uma estrutura essencialmente argumentativa, já que apresenta sequências que partem de uma tese e argumentos que direcionam o leitor para aceitar uma conclusão.

ANÁLISE DO CORPUS

Para analisar a argumentatividade, foram escolhidas dez produções dissertativo-argumentativas escritas por alunos da terceira série (2013) do Ensino Médio do Colégio Jardim São Paulo no simulado que ocorre mensalmente com o intuito de prepará-los para o vestibular e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Não existe obrigatoriedade com relação à prova, no entanto, a fim de motivá-los, é acrescido até meio ponto na média de acordo com o desempenho obtido.

Os simulados acontecem desde a primeira série do Ensino Médio, quando eles aprendem, nas aulas de redação, a elaborar o parágrafo introdutório, continuam na segunda série, momento em que eles devem escrever um parágrafo introdutório e um argumentativo, já no terceiro, eles produzem a redação nos moldes dos grandes exames.

As artimanhas argumentativas, as escolhas linguísticas, as estratégias utilizadas e a necessidade de convencer o leitor abordadas anteriormente devem manifestar-se claramente nesse tipo de texto, por esse motivo ele será analisado neste trabalho, a fim de mostrar como a argumentação é organizada e quais os operadores argumentativos de que dispõem os alunos para fazer com que o leitor aceite a conclusão por eles apresentada.

Redação 1: Aluno A

As consequências do consumismo

É muito fácil observar que as pessoas estão consumindo cada vez mais, não só por causa que elas tem poder monetário para a compra mas sim principalmente, em eletrônicos, por causa da obsolescência planejada.

As lojas nos dias de hoje acaba modificando o produto que vem do fornecedor para que dure menos tempo do que o normal e com isso faz com que a pessoa se interesse por um produto novo e mais tecnológico, do que procurar uma assistência técnica que custaria quase o mesmo preço de um produto novo. Este caso possui um frequência muito grande em relação aos “smartphones” atuais, que são celulares mais tecnológicos que ano em ano lançam celulares melhores defasando seus modelos anteriores e fazendo um marketing agressivo para que a pessoa compre o produto novo.

A obsolescência programada de uma forma geral ocorre mais em lojas revendedoras e uma forma de tentar escapar dessa obsolescência é a garantia desses produtos, pois não será necessário pagar pelo do conserto do produto e não houver outra maneira o estabelecimento terá que entregar um novo ao consumidor.

Outra maneira de ser evitar essa inconveniência é comprando direto de fábrica ou de lojas mais confiáveis. Portanto é possível observar atualmente muita gente sofrendo com a obsolescência, mas sempre existe maneiras de evita-las.

Para abordar o consumo exagerado das pessoas, o estudante oferece-nos, na introdução, dois argumentos para inserir o assunto: o poder monetário e a obsolescência planejada dos eletrônicos, por isso lança mão de operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: *não só por causa que* (não só porque)..., *mas sim.... por causa da*. Note-se que o termo *principalmente* refere-se a eletrônicos, no entanto a pontuação faz parecer que é parte da formação argumentativa.

No segundo parágrafo, o autor do texto inicia apresentando o operador *e* para acrescentar um argumento que favorece a caracterização do produto (novo *e* tecnológico), posteriormente coloca um operador que estabelece uma comparação: interesse por um produto novo x reparo do produto, demonstrando a preferência que existe pelo primeiro argumento através do operador *do que*. O operador *quase* aproxima o valor do conserto ao valor de um novo aparelho, por esse motivo o reparo não vale a pena. Ele utiliza o exemplo dos *smartphones*, orientando-nos no sentido de aceitar que se quer a compra de um novo produto devido à obsolescência e ao marketing de artefatos novos e modernos.

No terceiro parágrafo, o escritor dispõe de um argumento fraco, pois as lojas revendedoras não são as responsáveis pela durabilidade do aparelho, por isso não deveriam ressarcir o consumidor com um aparelho novo, o que é a função da fábrica. Além disso, a incumbência de oferecer o conserto também é da fábrica em parceria com as lojas autorizadas, prestando, assim, assistência ao comprador. Só no caso de garantia estendida, a loja revendedora assume responsabilidades, ainda que não tenha relação com a produção.

Ao tentar estabelecer a relação entre a garantia dos produtos e os responsáveis pela obsolescência, o escritor utiliza o operador *e*, no entanto, nesse caso, não ocorre acréscimo de argumento, ou seja, é atribuído um outro valor semântico ao operador que se assemelha ao

por isso. Posteriormente, há o uso do *pois* para explicar o enunciado anterior. O fim do parágrafo é construído de maneira truncada, há a necessidade do *e*, mas a ausência do termo *se*, por exemplo, prejudica a construção.

No parágrafo conclusivo, o escritor utiliza uma expressão que acrescenta mais um argumento, que, apesar de estabelecer uma relação lógica e sintática com o que foi escrito, confirma a falha com relação à escolha de um argumento forte, já que a fábrica ou as lojas ditas confiáveis não assumem para si o compromisso com o conserto, deixando-o a cargo das lojas autorizadas. Para finalizar o texto, é utilizado o termo *portanto*, a fim de apresentar argumentos para reafirmar o que foi esboçado nos parágrafos anteriores afirmando haver como evitar o problema apresentado.

Fica claro que o autor estrutura seu texto com operadores argumentativos a fim de levar o leitor a uma determinada conclusão, no entanto a argumentação perde a força devido à escolha dos argumentos juntamente aos desvios com relação à norma culta.

Redação 2: Aluno B

Obsolescência e a economia do país

A obsolescência planejada é uma prática utilizada por empresas principalmente de eletrodomésticos para que o comprador esteja sempre renovando seu produto.

Por exemplo, um produto que deveria ter “data de validade” de 3 anos, os fabricantes fazem com que este mesmo produto tenha 15 anos ou até menos para que ele se torne obsoleto, assim fazendo com que o comprador com ajuda do Marketing compre uma nova versão do produto.

Essa é uma prática nada favorável ao consumidor mas sim ao empresário, que faz com que o consumidor gaste mais dinheiro em menos tempo, assim ajudando também o país pois aumenta a economia do país e a circulação de capital.

Então essa prática sendo favorável ao dono da loja e não ao comprador, não vem ao caso se ela é legal ou ilegal, o que realmente importante é que movimenta a economia do país assim podendo melhorar a qualidade de vida de todos, e até gerar novos empregos, pois será necessária a produção de novas máquinas (produtos).

Na redação 2, o escritor inicia seu texto a partir de uma frase declarativa, simplesmente informando o leitor sobre o significado da expressão “obsolescência planejada”, porém ele não utiliza conectivo.

No segundo parágrafo, é possível perceber que o produtor do texto apresenta um exemplo para contribuir com o que foi escrito no parágrafo anterior, no entanto, ao apresentar o argumento para afirmar que a data de validade é pequena, ocorre um erro na informação: em vez de mostrar que ela possui menos que três anos, ela assegura que o produto tem muito mais, ou seja, seria o oposto do conceito de obsolescência planejada. Nesse momento, o aluno utiliza o conectivo *ou*, mostrando haver outra opção, mas ela não leva a uma conclusão oposta; na verdade, corrobora a informação. Posteriormente, utiliza o operador argumentativo *assim* para introduzir uma conclusão relacionada à afirmação anterior.

No terceiro parágrafo, para salientar que a prática da obsolescência planejada é favorável a um determinado grupo de pessoas em detrimento de outras, o operador argumentativo *mas* é empregado juntamente à partícula *sim*, reafirmando a ideia. Apesar de os gastos empreendidos pelos consumidores serem considerados negativos pelo autor do texto, há um lado positivo no que se refere ao país, argumento introduzido por meio do operador argumentativo *também*, adicionando ao enunciado um novo conteúdo: não só o país ganha com o consumo, mas também os empresários, enunciado introduzido por meio de um operador que indica a conclusão: *assim*. Para explicar como o país é beneficiado, o escritor lança mão do operador *pois*, explicando o enunciado anterior e o operador *e* para acrescentar um argumento a favor dessa mesma conclusão.

A fim de concluir, o escritor reafirma o argumento desenvolvido no texto: ser o “dono da loja” o favorecido. Para tanto, utiliza o operador *e*, inserindo, nesse caso, um argumento que nos orienta para a direção contrária, portanto com valor de *mas*. Ao apresentar aquilo que considera relevante dentro do contexto, emprega o operador *e* para adicionar dois argumentos que nos direciona para a mesma direção e o *pois*, explicando o enunciado anterior.

É possível perceber que o escritor lança mão dos operadores argumentativos para construir seu texto, atribuindo a ele uma força argumentativa, porém não introduz a tese, fazendo com que o leitor só perceba seu real posicionamento no parágrafo final, pois o argumento principal (terceiro parágrafo) é-nos apresentado de maneira obscura devido à

construção realizada, já que inicialmente é negativo o consumidor gastar muito em pouco tempo, mas logo se torna positivo, pois ajuda a economia. Os desvios com relação à norma culta também aparecem.

Redação 3: Aluno C

Morte planejada

A constante evolução tecnológica moderna está criando uma situação cada vez mais desvantajosa ao consumidor, que na maior parte das vezes busca os modelos mais atualizados. Essa geração acelerada de novos produtos, mesmo que prejudicial ao comprador, é positivo para a economia. Entretanto empresas em busca de lucro prejudicam ainda mais os consumidores.

O mercado por si só é um sistema dinâmico o que vale hoje não é o mesmo que valerá amanhã – sendo assim ele molda-se diariamente de acordo com as necessidades, dos compradores e vendedores, e inovações, tecnológicas e artísticas, principalmente. Graças a esse dinamismo os produtos no setor tecnológico perdem valor de maneira rápida. Usando o celular como exemplo se ele for lançado hoje no prazo de três ou quatro meses – tempo necessário para o lançamento de uma versão atualizada – ele estará custando a metade, ou até menos, do preço original.

Essa mudança rápida e o ideal consumista existente na sociedade criam um espaço muito lucrativo para as empresas tecnológicas. No entanto a ganância de empresas faz com que essas criem sistemas em seus produtos que diminuam o tempo útil deles. Essa é a chamada obsolescência planejada uma estratégia anti-ética de mercado usado para aumentar o lucro.

O autor inicia seu texto apresentando a situação desvantajosa para o consumidor no que se refere à constante evolução tecnológica e, conseqüentemente, à troca de produtos. Ele afirma ser a produção acelerada prejudicial ao comprador por meio do uso do operador argumentativo *mesmo que*, que orienta para uma conclusão oposta e que nos faz entender que o argumento inicial será descartado em virtude do argumento que segue: a economia é

favorecida. Logo após, o uso do operador argumentativo *entretanto* ratifica a ideia de que a busca incessante por lucros é prejudicial aos compradores, tornando o trecho redundante.

A argumentação se dá no segundo parágrafo retomando a ideia do constante movimento de produção e insere o operador argumentativo *sendo assim*, orientando-nos para a conclusão. Posteriormente é colocada uma série de operadores *e*, somando argumentos em virtude de uma mesma conclusão: as necessidades de categorias diferentes e as inovações com relação a diversos campos. É introduzido o operador *graças a* que tende a explicar por meio de uma retomada do enunciado anterior. No exemplo apresentado, o conectivo *ou*, apesar de inserir uma opção, direciona-nos no sentido de uma mesma conclusão: a desvalorização do produto.

No último parágrafo, é escolhido o operador *e*, a fim de acrescentar um argumento para abordar o ideal de lucro das empresas. Em seguida, é empregado o operador argumentativo *no entanto*, que introduz um argumento no sentido de uma conclusão oposta, todavia não é essa a ideia do trecho, visto que, em virtude do lucro, o tempo útil diminui.

Embora o autor empregue, no último parágrafo, um operador que contradiz uma opinião, quando, na verdade, deveria tê-la confirmado, e não desenvolva na argumentação de que maneira a economia é favorecida, tópico apresentado na introdução, além de deixar de utilizar, em diversos momentos, a pontuação, a construção do texto encaminha o leitor para a conclusão desejada.

Redação 4: Aluno D

Progresso Regressista

Na era em que vivemos, não possuir os produtos mais avançados é, no senso comum, um sinal de primitivismo. O capitalismo exarcebado tornou extingue a existência de mercadorias duradouras em prol do crescimento econômico.

Aos indivíduos que persistem com os produtos duradouros, um termo: obsoletos. O avanço tecnológico é linear e crescente; a cada dia, uma nova adaptação à uma nova tendência. Já, àqueles que se rederam, um único final: a dependência. Esse sistema não se rompe, o que causa mais problemas do que sonha nossa vã filosofia.

A alienação proveniente do consumismo desenfreado **também** leva o indivíduo a um vício à tecnologia. Uma sociedade dependente **e** viciada, **assim como** nas ficções científicas já escritas como “Admirável Mundo Novo” de Huxley, não é tão difícil de ser alcançada no ritmo em que nos encontramos.

Há também o fator ambiental, **pois** máquinas ultrapassadas, em sua grande maioria, não são reciclados, gerando acúmulo maior de lixos não degradáveis **e** criando mais lixões.

Deve-se, **então**, investir na destinação dos produtos não utilizados **e** também educar as futuras gerações ecológica **e** tecnologicamente para que a sociedade não tome um caminho contrário ao do avanço tecnológico, e sina que progrida harmoniosamente com a tecnologia.

Apesar de não aparecerem operadores argumentativos no parágrafo inicial e de existir uma construção relativamente nebulosa, por causa do emprego da locução verbal *tornou extingue*, é possível perceber a força argumentativa que nos norteia para aceitar que o senso comum acredita ser a tecnologia essencial e que a movimentação do capitalismo impõe a necessidade de novas tecnologias.

No segundo parágrafo, para mostrar que o avanço tecnológico é inevitável, são utilizados dois adjetivos unidos pelo operador argumentativo *e*, assim, a tecnologia provoca a obsolescência e a dependência. Em seguida, o escritor do texto afirma que é um sistema que não pode ser rompido, acarretando “*mais problemas do que sonha nossa vã filosofia*”, expressão esta que estabelece relação entre dois elementos, orientando-nos para uma mesma conclusão, mesmo que, no caso, o autor do texto oculte os problemas que poderiam favorecer sua argumentação. Outro fator importante é a citação sem qualquer indicação da fonte.

O aluno recupera, no terceiro parágrafo, a ideia da dependência por meio do operador *também*, a fim de mostrar que, mais do que dependência, há o vício em tecnologia. O autor reitera, mais uma vez, a ideia de a tecnologia provocar a formação de uma sociedade “dependente *e* viciada”, somando argumento com vistas a uma conclusão, por meio de uma comparação com o operador *assim como*.

O quarto parágrafo expõe um enunciado relativo ao meio ambiente, esclarecido por meio do operador argumentativo *pois*. O operador *e* é também utilizado para acrescentar um argumento sobre o descarte incorreto de lixo por causa da produção desenfreada e consequente troca de produtos.

No último parágrafo, o autor do texto sinaliza a finalização do texto por meio do operador *assim* e expõe algumas soluções para os problemas abordados, indicando-as por meio do operador *e*, confirmando o posicionamento em prol da tecnologia, inserindo-se, portanto, no que foi nomeado de senso comum.

Embora exista um posicionamento e um desenvolvimento, o tema proposto “obsolescência planejada” é abordado de maneira indireta, visto que o autor concentra-se mais na dependência e vício causados pelo avanço tecnológico do que na obsolescência em si.

Redação 5: Aluno E

A desvalorização de produtos gerando o consumismo

Desde os avanços desenfreados da tecnologia, principalmente após a invenção dos “chips” na 3ª Revolução Industrial, cresceu-se acentuadamente os índices de consumismo da população, incentivados principalmente pelos próprios fabricantes.

Esse tipo de estratégia de venda é chamada de obsolescência planejada, quando a empresa desvaloriza o produto em um curto período de tempo, atualizando minimamente esse antigo e incentivando à compra deste novo produto, gerando cada vez mais lucro à empresa.

Claro que se contarmos com o produto de 2008 e compararmos com o produto de 2012 temos sim uma mudança radical e caso haja a compra não há o chamado consumismo, porém sabe-se que não é isso que acontece no mundo tecnológico de hoje.

Portanto a obsolescência de um produto já é um ato cotidiano das empresas, principalmente se tratando de tecnologia, incentivando ao consumismo e não ao consumo.

Por meio de palavras como *desenfreado* e *acentuadamente* e também por meio do título, é possível notar o posicionamento do autor com relação à tecnologia, todavia não são utilizados operadores argumentativos no primeiro parágrafo.

No segundo parágrafo, o autor resgata, por meio do conectivo *esse*, a ideia explanada no parágrafo anterior, no entanto a retomada não é pertinente, já que não houve explicação

com relação às estratégias de venda – a obsolescência planejada –, que só é inserida posteriormente por meio do operador argumentativo *e*.

O autor constrói o terceiro parágrafo utilizando o operador argumentativo *e* a fim de oferecer argumentos para diferenciar consumismo de consumo e, ulteriormente, o operador *porém* para contrariar aquilo que foi assegurado no enunciado antecedente.

Com base na ideia do parágrafo anterior, o escritor conclui com o operador *portanto* e depois o operador *e* com valor de oposição para reafirmar que a obsolescência favorece o consumismo, não o consumo.

O aluno caracteriza a obsolescência, o consumismo e o consumo nos parágrafos de seu texto, deixando de expor argumentos para elaborar sua argumentação, mas está claro que há uma força argumentativa que conduz o leitor a entender seu propósito: mostrar que o consumo em si não é negativo, mas o consumismo desenfreado e inconsciente.

Redação 6: Aluno F

Papéis trocados

Com o fenômeno da Revolução Industrial no fim do século XVIII surgiu o mercado consumidor e, dependentes dele, os produtos industriais e os donos da produção. A partir de então, a busca pelo tornou-se cada vez maior, o que fez com que as empresas encontrassem meios de trazer a dependência para os consumidores, de modo que estes não parassem de consumir. Essa é a obsolescência planejada: produtos programados para durar menos. As consequências de tais ação, porém afetam seriamente o meio ambiente e a sociedade.

A tecnologia encontra-se presente na grande maioria das atividades das pessoas, e o funcionamento curto de um eletrodoméstico, por exemplo, leva à compra de outro, pois o conserto é propositalmente mais caro. Os produtos quebrados acabam sendo descartados e, muitas vezes vão parar nos lixões; liberando resíduos tóxicos, aumentando ainda mais a quantidade de lixo a céu aberto e contribuindo em grande escala com a degradação ambiental. A divulgação e a existência de postos que recolhem produtos descartados são mínimas.

Além disso, existe a questão do agravamento do consumo desenfreado, resultante da ideia (vinda das empresas) de que o moderno é aquele que possui o mais novo lançamento. Este, entretanto, não possui grandes mudanças com relação ao anterior; ocorrem pequenas modificações e o preço aumenta consideravelmente. A população não percebe essa “jogada” de Marketing ou então fica tão deslumbrada que não quer perceber, não se importando em jogar um produto relativamente novo no lixo, uma vez que adquirirá o mais nova moda.

Portanto, mostra-se bastante necessária uma maior conscientização das pessoas em relação ao consumismo impregnado na sociedade e a ideia vindas das empresas para vender mais, incentivando o consumo melhor planejado. Extremamente pertinente faz-se a criação de postos de reciclagem de eletrônicos, nos quais produtos usados sejam devidamente descartados e partes deles reutilizadas pelas empresas, e como isso ocorra maior divulgação e incentivo às pessoas, objetivando a formação de uma sociedade mais consciente.

Para introduzir os elementos que apareceram com a Revolução Industrial, o autor do texto utiliza o operador argumentativo *e*, justificando, por meio do operador *de modo que*, o enunciado anterior. Após o esclarecimento do significado de obsolescência programada, há o operador *porém*, indicando que o segundo argumento deve ser considerado: a degradação do meio ambiente.

No segundo parágrafo, o escritor mostra que a tecnologia permeia o cotidiano das pessoas e, posteriormente, utiliza o operador argumentativo *e* para salientar seu curto período de funcionamento, assim, ele possui o valor de oposição. O operador *pois*, utilizado no decorrer do desenvolvimento do parágrafo, explica a informação do parágrafo antecedente. O operador argumentativo *e* aparece mais três vezes. Em todas as ocorrências, é possível constatar que são adicionados argumentos a fim de levar o leitor à mesma conclusão.

Para inserir mais um argumento em prol da argumentação com relação ao consumo e ao descarte, o estudante utiliza o operador argumentativo *além disso*, que realça a questão da inovação e substituição de produtos; posteriormente, o escritor sustenta que as mudanças não são significativas por meio do operador *entretanto*, reforçando, assim, o segundo argumento. O operador argumentativo *e* surge mais uma vez para enfatizar o aumento do valor quando as inovações são ínfimas, sendo assim, a força do argumento recai sobre a segunda parte do enunciado. O autor introduz também o operador argumentativo *ou*, que, no caso, apresenta

uma possibilidade alternativa, a fim de mostrar que os consumidores são seduzidos pelas estratégias de *Marketing* ou alumbram-se com as novas possibilidades oferecidas pelos aparelhos. O operador *uma vez que* explica o enunciado anterior.

Ao finalizar o texto, o autor utiliza o operador argumentativo *portanto*, apontando para a conclusão do texto: a conscientização com relação ao consumismo e ao incentivo do marketing, dois elementos que nos norteiam para a mesma direção ligados por meio do operador argumentativo *e*, assim como ocorre com os demais operadores *e* empregados mais abaixo.

O texto é constituído a partir de operadores argumentativos que levam o leitor a acatar a ideia desenvolvida, já que os argumentos estão bem articulados e são verossímeis.

Redação 7: Aluno G

As vertentes do consumismo

Vivemos em uma época em que a globalização atinge todos os setores da sociedade. Isso resulta no aumento da velocidade com a qual as informações são passadas, gerando inúmeros tipos de novas tecnologias em curtos períodos de tempo e tornando obsoletos produtos que, por não terem uma versão mais atualizada, são considerados ultrapassados.

*O constante aumento do consumismo é fator determinante para que a obsolescência planejada seja tão comum. A criação de novas versões de um mesmo produto estimula o consumidor a adquiri-las, **mesmo que** sem necessidade.*

*Muitas empresas se aproveitam disso, **de modo que** desenvolvem o produto com baixa vida útil, o que obriga o consumidor a comprar a versão mais recente. **Dessa forma**, o lucro é dobrado em metade do tempo. **Além disso**, por mais que o consumidor queira consertar o aparelho, ele é impossibilitado: o conserto é, na maioria das vezes, de maior **ou** igual valor do produto recém-lançado.*

***Assim**, o progresso tecnológico das empresas vai sendo cada vez maior. **Mas** se por um lado, essa “renovação” aumenta a tecnologia e estimula o crescimento da economia, por outro ela gera cada vez mais lixo – **uma vez que** nem todos os produtos “ultrapassados” são reciclados quando descartados.*

Portanto, são necessárias medidas tanto das empresas quanto do governo: estímulo à reciclagem, programas que visem o uso máximo dos aparelhos, maior investimento em tecnologia sustentável. ***Assim***, poderão ser conciliados crescimento e sustentabilidade.

No primeiro parágrafo, o autor do texto explica que a necessidade de troca de informações movimenta a tecnologia e acrescenta que isso torna os produtos obsoletos por meio do operador argumentativo *e*.

Reiterando o esclarecimento do parágrafo anterior, há a ideia de que o consumidor deseja obter as novas tecnologias sem a real precisão, sendo, para tanto, utilizado o operador argumentativo *mesmo que*.

O escritor elucida que as empresas acabam obrigando o consumidor a comprar devido às novas versões de aparelhos, expondo uma justificativa referente ao enunciado anterior por meio do operador *de modo que* e, depois, o estudante utiliza o operador *dessa forma*, norteando o leitor à conclusão de que a lucratividade é grande. Soma mais um argumento ao utilizar o operador *além disso* e, a frente, emprega o operador *ou*, que apresenta uma alternativa com relação ao preço do conserto, mas que orienta para a mesma direção.

O autor começa o parágrafo com o operador argumentativo *assim*, indicando a conclusão com relação ao que foi escrito anteriormente, por isso o trecho poderia fazer parte do bloco anterior. Ele insere no texto o operador *mas*, que, por excelência, contrapõe argumentos direcionados para a direção contrária, salientando a ideia com o uso do par *por um lado..., por outro lado*. Dessa forma, apesar de haver a renovação tecnológica *e* (operador que acrescenta argumento na mesma direção) o crescimento econômico, considerados positivos, há a questão do acúmulo de lixo, lado negativo da questão, pois a reciclagem de produtos não ocorre, explicação esta introduzida por meio do operador argumentativo *uma vez que*.

A conclusão com relação à argumentação realizada é inserida pelo operador *portanto* e também pelo *assim*, que retoma o enunciado anterior, contribuindo, portanto, com o fechamento do texto.

Redação 8: Aluno H

Lucrar é o que importa

Após o surgimento do capitalismo, a obtenção de lucro passou a ser o foco principal de todos os empresários, que passaram, a partir de então, ignorar a ética nos setores industriais, explorar os trabalhadores – prática que ficou conhecida como Mais Valia e defendida por Marx - e planejar a obsolescência dos produtos, essa prática é a mais vigente até hoje.

Todos são vítimas da obsolescência planejada, desde que sejam consumidores, mesmo que para garantir o sobrevivência apenas. Muitos não percebem, pois ocorre de uma maneira tão frequente que já tornou-se rotineira. A obsolescência programada nada mais é do que garantir o crescimento da economia a partir do processo de renovação dos produtos, ou por ter tornando-se ultrapassado ou por estar danificado.

É um absurdo! O concerto de aparelhos estão saindo mais caros do que a compra de um novo, forçando desse modo o consumidor a comprar outro, isso acontece desde aparelhos móveis até eletrodomésticos, ou brinquedos eletrônicos. A vida útil dos produtos estão cada vez menores, devido a manipulação já nas fabricas, é como o prazo de validade dos alimentos perecíveis, que estragam e perdem sua consistência e sua função a partir de determinada data, tornando-se obsoletos.

A falta de ética também é muito vigente, lança-se novos produtos que não tem nenhuma diferença de um já existente, apenas com uma nova cor ou um novo nome, para incentivar o consumo das versões mais recentes, gerando além de problemas sociais e econômicas problemas ambientais causados pela não reciclagem dos produtos que foram substituídos, gerando grandes lixões.

Portanto deve-se ficar alerta para tentar fugir de ciclo tendencioso da compra manipulada pela obsolescência dos produtos, analisar o tempo de vida útil dos produtos, consultando pessoas que já os têm, verificar se os produtos lançados não são apenas estratégia de Marketing com modelos mais atrativos, pois infelizmente a máfia da indústria está pensando apenas na obtenção de lucro.

O autor do texto explora inicialmente as consequências com relação ao surgimento do capitalismo por meio da utilização do operador argumentativo *e*, o que acontece tanto no momento em que insere um aposto referente à exploração, quanto no momento posterior, quando retoma o raciocínio.

O autor insere o operador argumentativo *mesmo que*, contrapondo argumentos para mostrar que todos são vítimas da obsolescência planejada, por mais que desejem consumir, muitas vezes, somente para garantir a sobrevivência, ou seja, consumir o básico. A posteriori, há o operador *pois*, explicando o motivo pelo qual os compradores não percebem a obsolescência. O operador argumentativo *já* introduz um conteúdo pressuposto: antes a obsolescência não era rotineira, mas passou a ser. O par *ou... ou* realça que a economia é movimentada por meio da renovação de produtos, apresentando como causa a inutilização *ou* danificação do produto, o que nos faz crer que os dois argumentos levam à mesma conclusão: a troca por diferentes motivos.

No terceiro parágrafo, o posicionamento contrário à obsolescência é colocado de maneira efusiva pelo autor a partir da comparação entre o alto custo do conserto dos aparelhos e o valor de um novo produto por meio do par *mais... do que*, levando o leitor a perceber que é mais vantajoso comprar um produto novo e moderno. O escritor mostra, ainda, que isso acontece com aparelhos móveis, eletrodomésticos *ou* aparelhos eletrônicos, operador que indica, na verdade, a soma de um argumento. O operador argumentativo *e*, empregado duas vezes, adiciona argumentos em vistas a uma mesma conclusão: a perda da função *e*, conseqüentemente, a troca.

A questão da ínfima inovação de um produto “antigo” para um novo também é abordada, fazendo com que o leitor compreenda que a mudança pode se dar por meio de uma nova possibilidade de cor ou uma simples modificação do nome do produto, para tanto, o escritor utiliza o operador *ou*, assinalando duas possibilidades que orientam a pouca inovação tecnológica do produto. Os operadores *além de* e *e* adicionam argumentos para convencer o leitor dos problemas decorrentes do consumo intenso de produtos.

No último parágrafo, o autor conclui, apresentando propostas intervenção, isto é, soluções para o problema exposto, por meio do operador argumentativo *portanto*, que se relaciona com os argumentos expostos anteriormente, oferecendo meios para resolver os problemas levantados e explica que as empresas procedem para obter lucros por meio do operador argumentativo *pois*.

Redação 9: Aluno I

O consumo forçado

Muitas vezes, as pessoas reclamam do mal-funcionamento por parte de seus aparelhos eletrônicos ou eletrodomésticos. Tais reclamações devem-se ao fato de que, na maioria dos casos, o intervalo de tempo entre a compra do produto e o início do período de mal-funcionamento é relativamente pequeno, ou seja, muito abaixo do esperado diante dos inúmeros avanços tecnológicos que a sociedade presencia atualmente. Mas por que as queixas de mal-funcionamento dos aparelhos são tão frequentes e até que ponto o consumidor pode ser prejudicado com isso?

Trata-se da obsolescência planejada, que é uma estratégia de marketing adotada por várias empresas cujo principal objetivo é aumentar os lucros e ganhos gerados com a venda de seus produtos. A obsolescência programada é um mecanismo que faz com que um produto torne-se “inútil” rapidamente, fazendo com que o consumidor substitua-o por um outro mais novo, movimentando assim, o mercado e o consumo.

Durante o processo de produção de um determinado produto, os fabricantes do mesmo determinam, propositalmente, um curto tempo de vida para esse produto, fazendo com que, a partir do momento da obtenção desse produto por um consumidor, o mesmo deixe de funcionar adequadamente em um curto período. Isso faz com que o consumidor tenha que adquirir um novo produto para substituir o “inútil”, gerando assim, lucros para as empresas, porém, prejuízos financeiros para os consumidores.

É adequado que as empresas controlem sua produção de forma a gerar lucros para as mesmas e para os consumidores. A obsolescência planejada é uma estratégia desnecessária que afeta diretamente o consumidor. As empresas devem projetar seus equipamentos para que sua duração seja maior e, assim, beneficiará o consumidor e a si própria, uma vez que equipamentos de qualidade atraem um maior número de consumidores.

O escritor do texto inicia apontando o mau funcionamento dos aparelhos, apresentando, para tanto, duas possibilidades – que não necessariamente se excluem – por meio do operador argumentativo *ou*: eletrônicos *ou* eletrodomésticos. Ele aborda também a rapidez com que os aparelhos deixam de funcionar, relacionando o momento de compra e o

período em que começa a aparecer defeito por meio do operador *e*, adicionando, portanto, um argumento. O escritor insere o conectivo *mas* com o intuito de enfatizar as duas perguntas realizadas por meio do operador argumentativo *e*.

A fim de responder as perguntas do parágrafo anterior, o produtor do texto esclarece o significado de obsolescência planejada, assegurando ser o objetivo das empresas obter “ganhos e lucros”, isto é, acrescentando por meio do operador *e* um argumento no que se refere às metas das empresas. O autor finaliza o trecho utilizando o operador argumentativo *assim*, para concluir que há a movimentação, por meio da obsolescência, da economia e do consumo.

O escritor repete a ideia desenvolvida no parágrafo anterior, declarando que existe a geração de lucros para as empresas, fazendo uso do operador argumentativo *assim*, e deixando claro, posteriormente, que há prejuízo para o consumidor, apresentando, para isso, o operador argumentativo *porém* que ressalta o valor do segundo argumento em detrimento do primeiro.

Há, no parágrafo conclusivo, uma proposta de intervenção, conforme as indicações das competências analisadas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que consiste em não prejudicar o consumidor; no entanto, já no início, o produtor do texto coloca sua ideia de maneira obtusa, visto que o lucro compete somente à empresa e não ao consumidor, que, no caso, não deveria ter prejuízo. Para fazer essa afirmação, o escritor emprega o operador argumentativo *e*, acrescentando, então, um argumento. Ele ratifica o que foi escrito a partir da necessidade de projeção de equipamentos com maior durabilidade, propiciando benefícios à empresa e ao consumidor. Dessa forma, utiliza duas vezes o operador argumentativo *e* com intuito de adicionar argumentos e o operador *assim* para concluir, esclarecendo, ulteriormente, o motivo pelo qual, segundo o autor, todos seriam favorecidos.

É importante notar que a economia é movimentada pela troca de produtos e, mesmo que houvesse diversos consumidores, o ciclo de compra e venda não beneficiaria tanto as empresas, nem a economia, mas sim o comprador.

Vale salientar que a conclusão apresenta uma solução para um mundo ideal, em que os compradores são beneficiados por causa do aumento da durabilidade dos produtos e as empresas também têm vantagens, pois os consumidores aumentam devido à existência de equipamentos de qualidade, desconsiderando que o movimento da economia e o lucro estão

atrelados à troca de produtos, isto é, a proposta é verossímil, entretanto irreal no que se refere à realidade empresarial atual.

Redação 10: Aluno J

Quebrou? Corre pra loja!

*Obsolescência programada ou planejada significa a diminuição da vida útil – de maneira estratégica e proposital – praticada por setores industriais. **E como consequência**, os produtos param de funcionar, e em determinadas ocasiões, dentro do prazo estabelecido pela fábrica; essa prática ocorre em grande escala com aparelhos domésticos e eletrônicos.*

*Esta situação é considerada um abuso na visão dos compradores, **já que** na maioria dos casos, os produtos possuem um alto valor, e com essa falha no funcionamento de produtos relativamente novo, o cliente busca o conserto e se depara com preços elevados – propositalmente – e acaba optando por um novo aparelho.*

*Essa prática (alto preço do conserto), ocorre **também** como uma “jogada de Marketing” por parte das empresas, que visam o aumento de vendas de seus produtos, estimulando o consumismo. Estas estão sempre lançando novos produtos e tecnologias, **pois** é assim que aumentam sua economia, e no mundo globalizado e tecnológico, muitos clientes tem a “necessidade” de possuir a mais nova tecnologia, ajudando o mercado a se mover. **No entanto**, essa tecnologia não beneficia a natureza, pelo contrário, aparelhos de tecnologia ultrapassada são jogados fora, não passam por nenhum processo de reciclagem, o que prejudica a natureza, **tanto** com os lixões, **como** os gases que baterias (por exemplo) liberam na atmosfera.*

***Portanto**, esse processo é inevitável e contínuo no mundo consumista e contemporâneo, há poucas chances de reverter essa situação que faz a população ser “obrigada” a gastar cada vez mais com produtos, **uma vez que** parte deles são essenciais para os indivíduos. Basta agora uma tentativa desses produtos serem reciclados para que a natureza não sofra e não sinta as consequências (como a população) que a obsolescência planejada gera no planeta.*

O autor do texto inicia utilizando o conectivo *ou*, que, no caso, somente assinala um sinônimo para a palavra *programada* ao caracterizar o significado de obsolescência, afirmando ser uma diminuição “estratégica e proposital”, aqui inserindo um operador que acrescenta argumentos, assim como todos os outros operadores *e* destacados no parágrafo. Há também o operador *como consequência*, estabelecendo uma relação de conclusão em relação ao enunciado anterior.

Ao asseverar que a obsolescência é vista como um abuso por parte dos compradores, o escritor faz uso do operador *já que*, explicando o enunciado antecedente, além de introduzir mais três operadores que adicionam argumentos para uma dada conclusão.

O autor mostra, no terceiro parágrafo, que a prática da obsolescência ocorre a partir de uma estratégia de *marketing*. Utiliza, para tanto, o operador *também*, somando, mais uma vez, uma informação aos enunciados anteriores. Os três operadores *e* seguintes também adicionam informações e o operador *pois*, que aparece após o primeiro operador *e*, esclarece o enunciado anterior. O escritor assegura, ulteriormente, que o processo de inutilização dos aparelhos favorece a economia e introduz o operador argumentativo *no entanto*, a fim de mostrar que a natureza sofre por causa dos lixões e dos gases liberados, estabelecendo, nesse momento, uma comparação equivalente por meio do operador *tanto... como*.

Indicando a conclusão acerca dos enunciados anteriores, o operador argumentativo *portanto* é empregado e, posteriormente, o operador argumentativo *e*, acrescentando características aos substantivos processo e a mundo. O estudante explana, por meio do operador *uma vez que*, o porquê de a população sentir-se “obrigada” a comprar os produtos. O autor utiliza, finalmente, o operador *e* a fim de elucidar que o processo de reciclagem é fundamental para que a natureza não “sofra e sinta as consequências”, isto é, há o acréscimo de argumento em virtude de uma conclusão.

Apesar de os argumentos serem plausíveis, na conclusão, há a crença de que os consumidores são “obrigados” a comprar, o que, de certa maneira, caracteriza o comprador como inconsciente e a tecnologia como essencial, levando, sobremaneira, à compra, como se não houvesse qualquer outra possibilidade que não essa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de provar a importância dos operadores argumentativos para a composição da força argumentativa, nossa pesquisa abordou-os, mostrando que eles norteiam o leitor para chegar a determinadas conclusões ou, ainda, podem desviá-lo delas conforme a intenção do escritor. Para demonstrar como os alunos utilizam os operadores, analisamos dez redações escolares de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de 2013 do Colégio Jardim São Paulo, à luz do referencial teórico da Linguística Textual e da Retórica.

A análise das redações permitiu-nos verificar não só a importância da elaboração textual com vistas aos operadores argumentativos, como também da escolha e organização dos argumentos que integram o texto, já que esta relação faz com que o produtor de texto alcance seu objetivo final: a persuasão.

Por mais que o texto apresente uma construção com operadores argumentativos bem colocados, se o argumento verossímil não aparecer no texto, o leitor desconfiará das informações e da fundamentação, por isso a persuasão não ocorre. Assim, a formação de uma argumentação consistente é composta por argumentos convincentes, plausíveis e verossímeis, organizados de maneira bem articulada por operadores argumentativos, constituindo uma sequência argumentativa por excelência.

Os cinco primeiros textos dissertativo-argumentativos analisados confirmam a existência de uma força argumentativa estabelecida por meio do uso dos operadores argumentativos, que almejam efetivamente persuadir; no entanto, a ausência de conexão entre os argumentos e, muitas vezes, a utilização de argumentos que desconsiderem o conhecimento partilhado pelo leitor não permite que eles sejam aceitos, o que significa que havia a intenção e a orientação argumentativas sem que os argumentos possuíssem força para efetivar o convencimento.

A redação 1 apresenta um trecho em que não há argumento forte, visto que as lojas revendedoras de produtos só têm responsabilidade com relação à durabilidade do aparelho, se oferecerem a garantia estendida, que se inicia somente após o término do prazo de garantia oferecido pela fábrica. Dessa maneira, inicialmente quem deve oferecer o conserto é a fábrica em parceria com as lojas autorizadas.

“A obsolescência programada de uma forma geral ocorre mais em lojas revendedoras e uma forma de tentar escapar dessa obsolescência é a garantia desses produtos, pois não será necessário pagar pelo do conserto do produto e não houver outra maneira o estabelecimento terá que entregar um novo ao consumidor.” (Redação 1)

A redação 2 também possui um trecho em que o argumento perde sua credibilidade devido a um exemplo em que a “data de validade” que os fabricantes oferecem para causar a obsolescência é muito maior (15 anos) do que realmente acontece, mostrando, portanto, que, no referido caso, a ideia da inutilização programada do produto não acontece.

“Por exemplo, um produto que deveria ter “data de validade” de 3 anos, os fabricantes fazem com que este mesmo produto tenha 15 anos ou até menos para que ele se torne obsoleto, assim fazendo com que o comprador com ajuda do Marketing compre uma nova versão do produto.” (Redação 2)

Sendo assim, os textos possuem uma força argumentativa, visto que orientam o leitor a chegar à conclusão desejada, mas o percurso que realiza a condução é falho, pois os argumentos não estão articulados a ponto de efetivar a persuasão.

Nas cinco últimas redações analisadas, os escritores também exploram a orientação argumentativa dos operadores, mas, diferentemente das redações anteriores, os argumentos estão dispostos de maneira mais consistente, denotando uma elaboração mais cuidadosa e eficaz.

No texto 10, podemos observar não só o uso de uma quantidade expressiva de operadores argumentativos como também argumentos plausíveis que constroem a argumentação.

*“Essa prática (alto preço do conserto), ocorre **também** como uma “jogada de Marketing” por parte das empresas, que visam o aumento de vendas de seus produtos, estimulando o consumismo. Estas estão sempre lançando novos produtos **e** tecnologias, **pois** é assim que aumentam sua economia, **e** no mundo globalizado **e** tecnológico, muitos clientes tem a “necessidade” de possuir a mais nova tecnologia, ajudando o mercado a se mover. **No entanto**, essa tecnologia não beneficia a natureza, pelo contrário, aparelhos de tecnologia ultrapassada são jogados fora, não passam por nenhum processo de reciclagem, o que prejudica a natureza, **tanto** com os lixões, **como** os gases que baterias (por exemplo) liberam na atmosfera.” (Redação 10)*

A análise dos textos dissertativo-argumentativos comprova que as escolhas linguísticas, nesta pesquisa, com foco nos operadores argumentativos, são muito importantes, pois são elas que constituem a força argumentativa, porém a *dispositio*, segunda parte do texto

retórico de Aristóteles, também desempenha um papel essencial para construir uma sequência argumentativa realmente persuasiva.

Os autores dos textos conseguem mostrar que compreendem a estrutura da sequência argumentativa e entendem o valor dos operadores, entretanto precisam aprimorar os conhecimentos acerca da força dos argumentos para atingirem a finalidade da sequência argumentativa, desenvolvendo, assim, a comprovação dos argumentos por meio dos conceitos de classe argumentativa e escala argumentativa, apresentadas por Cabral (2010) e Koch (2013a).

É fundamental que os alunos explorem cada vez mais os operadores argumentativos e a formação da sequência argumentativa, o que os tornará escritores mais conscientes do poder que as palavras exercem sobre o outro.

Para que isso aconteça, os estudos sobre a argumentação devem permear a realidade escolar, abandonando teorias que enxergam os conectivos como meros elementos de ligação, como é o caso das gramáticas normativas. Ao ampliar os conhecimentos sobre a força argumentativa dos conectivos, cria-se uma consciência ainda maior de sua função nos textos, avultando a variedade dos operadores na produção textual e fortalecendo, conseqüentemente, a argumentação.

Outra questão essencial que se insere nos textos refere-se à *elocutio*, isto é, a elaboração dos textos, relacionando-se à sua apresentação, que nem sempre é favorável para erigir a credibilidade daquilo que se afirma, uma vez que há diversos desvios com relação à norma culta, ferindo, muitas vezes, os conceitos de correção, concisão, clareza, adequação e elegância.

Nesse sentido, o papel do professor de Língua Portuguesa é basilar para fornecer aos estudantes conhecimentos linguísticos que rompam com o ensino somente de normas e regras gramaticais em virtude da exploração da disposição e função das diversas estratégias linguísticas que tecem o texto.

Os operadores argumentativos, do modo como foram apresentados, partem de uma visão da língua em uso, exatamente aquilo de que os alunos necessitam para assimilar a significância e a força das palavras quando se trata de convencer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. 2 ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.
- CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. *A força das palavras: dizer e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto 2012.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2013a.
- _____ e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 18 ed. São Paulo: Contexto, 2013b.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e produção*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos*. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. *Retóricas de ontem e de hoje (org)*. São Paulo: Humanitas Editora/ FFLCH/USP, 1997.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Crise na linguagem: a redação no vestibular*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- TERRA, Ernani. *Subjetividade em textos jornalísticos*. In CINTRA, Anna Maria Marques e PASSARELLI, Lílian Ghira. *A pesquisa e o ensino em Língua Portuguesa sob diferentes olhares*. São Paulo: Blucher, 2012.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para ensino de gramática*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

Redação 1



Aluno A

Desenvolvimento de uma narrativa

É muito fácil dizer que os países estão convergindo cada vez mais, mas não por causa que eles têm poder econômico, pois a Europa não é principalmente, na esteira, por causa das diferenças pluriplata.

As coisas não são tão simples assim. É verdade que além da prosperidade, pois que dois países temer de que o mercado é com isso faz com que a prova se intensifica por um período mais e mais intensamente, depois passou uma considerável tempo que acabou, que a mesma prova

de um produto mais, isto com pouca frequência, muito grande em relação aos "Desenvolvimento" atuais, que são alguns mais tecnológicos que com um ano lançam alguns melhores produtos e novidades, portanto é preciso um investimento bastante para que a prova seja o produto certo.

A evolução progressiva de uma forma que deve ocorrer em longo prazo, e uma forma de tratar o campo de uma situação e a grande diferença produzida por isso não são necessariamente por causa de uma mudança de atitude e não há uma outra maneira de estabelecer uma que entenda em mente os consumidores.

Uma maneira de se obter um crescimento e competitividade de um país é através de um longo prazo, com o apoio de uma indústria e comércio, portanto a indústria deve estar sempre acompanhando a evolução, mas sempre exatidão e de longo prazo.

Redação 2



Colégio Jardim São Paulo

Aluno B

Obsolescência e a economia do país


A Obsolescência planejada é uma prática utilizada por empresas principalmente de eletrodomésticos para que o comprador esteja sempre renovando seu produto.

Por exemplo, um produto que deveria ter "data de validade" de 3 anos, os laboratórios fazem com que este mesmo produto tenha 15 anos ou até menos para que ele se torne obsoleto, assim fazendo com que o comprador com o auxílio do marketing compre uma nova versão do produto.

Essa é uma prática nada favorável ao consumidor mas sim às empresas, que faz com que o consumidor gaste mais dinheiro em menos tempo, assim ajudando também o país pois aumenta a renda e a circulação de capital.

Então essa prática sendo favorável ao dono da loja e não ao comprador, não nesse caso se ela é legal ou ilegal, o que realmente importa é que isso muda a economia do país assim podendo melhorar a qualidade de vida de todos e até gerar novos empregos, pois será necessária a produção de novas máquinas (produtos).

Redação 3

 <p>Colégio Jardim São Paulo</p>	<p>Aluno C</p>
<p>Morte planejada</p>	
<p>A constante evolução tecnológica moderna está criando uma situação cada vez mais desvantajosa ao consumidor, que na maioria por te das vezes busca os modelos mais atualizados. Essa geração acelerada de novos produtos, mesmo que possua caráter prejudicial ao comprador, é positivo para a economia. Entretanto, empresas em busca de lucro prejudicam ainda mais os consumidores.</p>	
<p>O mercado por si só é um sistema dinâmico - o que vale hoje não é o mesmo que valerá amanhã - sendo assim ele muda-se diariamente de acordo com as necessidades, dos compradores e vendedores, e inovações, tecnológicas e artísticas, principalmente. Graças a esse dinamismo os produtos no setor tecnológico perdem valor de uma maneira rápida. Usando o celular como exemplo se ele for lançado hoje no preço de três ou quatro meses - tempo necessário para o lançamento de uma versão atualizada - ele estará custando a metade, ou até menos, do preço original.</p>	
<p>Essa mudança rápida é o ideal consumista existente na sociedade criando um espaço muito lucrativo para as empresas tecnológicas. No entanto a ganância de empresas faz com que essas criem sistemas em seus produtos que diminuam o tempo útil deles. Essa é a chamada obsolescência planejada uma estratégia anti-ética de mercado de usar o lucro para aumentar o lucro.</p>	

Redação 4



Aluno D

Progresso Degressivo

Na era em que vivemos, não possui as qualidades mais antigas. É, no senso comum, um sinal de primitivismo. O capitalismo comercial tornou impossível a existência de mercados de trabalho em que se crescessem economicamente.

Os indivíduos que persistem com as qualidades desenvolvidas, um termo abstrato. O campo tecnológico é limpo e essencial, a cada dia, e uma nova adoção é uma nova tendência. Já, aquele que se relaciona com única finalidade a dependência. Esse sistema não se rompe, e que causa mais problemas do que resolve a mesma filosofia.

A alienação proveniente do consumismo desenfreado também leva o indivíduo a um ciclo tecnológico. Uma sociedade dependente e criada assim como nos países científicos já existe como "homem do fundo do lago" de Huxley, não é tão difícil de ser alcançada no ritmo em que nos encontramos.

Há também o fator ambiental, pois migraram os habitats, em sua grande maioria, não são reciduos, gerando um círculo vicioso de lixo no decorrer e criando mais lixo.

Devem-se evitar, em vez na destinação dos produtos mais úteis e também educar as futuras gerações ecológicas e tecnológicas. É claro que a sociedade não tem um comitê central de direção tecnológica, e um que propaga harmonicamente com a tecnologia.

Redação 5



Colégio Jardim São Paulo

Aluno E

A desvalorização do produto frente ao consumismo

Desde os avanços desenfreados de tecnologia, principalmente após a invenção dos chips na 3ª Revolução Industrial, cresceu-se acastadamente os índices de consumismo da população, incentivado principalmente pela pressão fabricante.

Essa tipo de estratégia de venda é chamada de obsolescência planejada, quando a empresa desvaloriza o produto em um curto período de tempo, atualizando rapidamente esse antigo e incentivando a compra deste novo produto, gerando cada vez mais lucros à empresa.

Claro que se estamos em o produto de 2008 a empresa não com o produto de 2012 tem-se em uma mudança radical e esse tipo a compração de o ^{denom} "consumismo", porém sabe-se que não é isso que acontece no mundo tecnológico de hoje.

Portanto a obsolescência de um produto já é um ato cotidiano das empresas, principalmente se tratando de tecnologia, incentivando ~~o~~ os consumismos e não os consumo.

Redação 6



Colégio Jardim São Paulo

Aluno F

Papelão Trecado

Com o fenômeno da Revolução Industrial no fim do século XVIII, surgiu o mercado consumidor e, dependentes dele, os produtos industriais e os meios de produção. A partir de então, a busca pelo termo - de cada vez maior, o que fez com que as empresas ensinassem meios de trazer a dependência para os consumidores, de modo que estes não parassem de consumir. Essa é a obscuridade planejada: produtos programados para durar menos. Entretanto, as consequências de tais ações, porém, afetam ^{significativamente} o meio ambiente e a sociedade.


A tecnologia encontra-se presente na grande maioria das atividades das pessoas, e o funcionamento correto de um eletrodoméstico, por exemplo, leva à compra de outro, pois ^{o conserto é} proporcionalmente mais caro. Os produtos quebrados acabam sendo descartados e muitas vezes vão parar nos lixões, liberando resíduos tóxicos, aumentando ainda mais a quantidade de lixo a céu aberto e ^{então} contribuindo em grande escala ^{com} a degradação ambiental. A divulgação e existência de postos que recolhem produtos descartados são mínimas.

Além disso, existe a questão do agrandamento do consumo decorrente de, resultante da ideia (vinda das empresas) de que o moderno é aquele que possui o mais novo lançamento. Este, entretanto, não possui grandes mudanças em relação ao anterior; ocorrem pequenas modificações e o preço aumenta consideravelmente. A população não percebe tão essa "jogada" de Marketing e então fica tão deslumbrada que não quer perceber, não se importa em jogar um produto relativamente novo no lixo, uma vez que adquiriu o mais novo modelo.

Portanto, mostra-se bastante necessária uma maior conscientização das pessoas em relação ao consumismo empregado na

sociedade e a ideia vinda das empresas para vender mais, incentivando o consumo ~~mais~~ ^{melhor} planejado. Extremamente pertinente ~~é~~ ^{faz-se} a criação de postos de reciclagem de resíduos, nos quais produtos usados ~~sejam~~ ^{sejam} devidamente descartados e partes deles reutilizadas pelas empresas, e com isso ocorrer maior divulgação ~~de~~ e incentivo às pessoas, objetivando a formação de uma sociedade mais consciente.

Redação 7



Colégio Jardim São Paulo

Aluno G

As vertentes do consumismo:

Vivemos em uma época em que a globalização atinge todos os ângulos da sociedade. Isso resulta no aumento da velocidade com a qual as inovações são passadas, gerando inúmeras tipos de novas tecnologias em curtos períodos de tempo. Tornando obsoletos produtos que, por terem uma versão mais atualizada, são considerados ultrapassados.

O constante aumento do consumismo é fator determinante para que a obsolescência planejada seja tão comum. A criação de novas versões de um mesmo produto estimula o consumidor a adquiri-los, mesmo que sem necessidade.

Muitas empresas se aproveitam disso, de modo que desenvolvem o produto com uma vida útil, a que obriga o consumidor a comprar o novo mais recente dessa forma, ~~deixando~~ o lucro é dobrado em metade do tempo. Além disso, por mais que o consumidor queira conservar o aparelho, se é impossível: o conserto é, na maioria das vezes, ~~em~~ de maior ou igual valor ao produto recém-lançado.

Assim, o progresso tecnológico das empresas vai sendo cada vez maior, se incrementando cada vez mais. Mas se por um lado, essa "renovação" aumenta a tecnologia e estimula o crescimento da economia, por outro ela gera cada vez mais lixo - uma vez que nem todos os produtos "ultrapassados" são reciclados quando descartados.

Portanto, são necessárias ~~as~~ ~~as~~ medidas tanto das empresas quanto do governo: estimular a reciclagem, programas que visem o uso ^{de} dos aparelhos, ~~e~~ mais investimentos em tecnologia sustentável. Assim, poderemos ser conciliados crescimento e sustentabilidade.

Redação 8



Colégio Jardim São Paulo

Aluno H

lucrar é o que importa

Após o surgimento do capitalismo, a obtenção de lucro passou a ser a fim principal de todas as empresas, que passaram a partir de então ignorar a ética nos setores industriais, explorar os trabalhadores - prática que ficou conhecida como Mais Valia e defendida por Marx - e provocar a obsolescência dos produtos, essa prática é a mais vigente até hoje.

Todos são vítimas da obsolescência planejada, desde que sejam consumidores, mesmo que para garantir a sobrevivência operam. Muitos não percebem, pois ocorre de uma maneira tão frequente que já tornou-se rotina. A obsolescência programada não mais é de que garantir o crescimento da economia a partir do processo de renovação dos produtos, ou por ter tomado "ultrapassado" ou por estar danificado.

É um absurdo! O conceito de aparelhos está saindo mais rápido do que o tempo de um novo, fazendo com que o consumidor compre outro, esse conceito desde aparelhos móveis até eletrodomésticos, ou brinquedos eletrônicos. A vida útil dos produtos está cada vez menor, desde a manipulação já nas fábricas, e como uma prazo de validade dos alimentos perecíveis, que estrogem ou perdem sua consistência e sua função e perdem de determinado data, tornando-se obsoletos.

A falta de ética também é muito vigente, lança-se novos produtos que não tem nenhuma diferença de um já existente, apenas com um novo cor ou um novo nome, para incentivar o consumo das versões mais recentes, gerando além de problemas sociais e econômicos, problemas ambientais ~~causados~~ causados pela não reutilização dos produtos que foram substituídos, gerando grandes lixo.

Portanto deve-se ficar alerta para tentar fugir de ciclo tendencioso de compra manipulada pela ~~obsolescência~~ obsolescência dos produtos, analisar o tempo de vida útil dos produtos, consultando pessoas que já os

têm; aplicar os produtos lançados na sua operação estratégica de Marketing com módulos mais objetivos, para implementar a missão da indústria e estar pensando sempre na obtenção de lucros.

Redação 9



Colégio Jardins São Paulo

Aluno I

O consumo forçado

Muitas vezes, ao pensar no consumo forçado, pensamos por parte de uma empresa, através de técnicas de vendas, de fazer o consumidor comprar - ou ao menos de fazer, na maioria das vezes, o intervalo de tempo entre a compra do produto e o início do período de mal-funcionamento, é relativamente pequena, ou seja, muito próximo de zero, diante das inúmeras inovações tecnológicas que a sociedade apresenta atualmente. Mas por que os fabricantes de mal-funcionam os produtos não são tão frequentes e até que ponto os consumidores são obrigados a comprar?

Trata-se de uma estratégia planejada, que é uma estratégia de marketing adotada por várias empresas cujo principal objetivo é aumentar os lucros e ganhar quotas com a venda de seus produtos. A obsolescência planejada é um mecanismo que faz com que um produto torne-se inútil. Há produtos, porém, com que o consumidor substitua - o por um outro mais novo, mais eficiente, assim, o mercado e o consumo.

durante o processo de produção de um determinado produto, os fabricantes do mesmo determinam, previamente, um certo tempo de vida para esse produto, fazendo com que, ao partir do momento da obsolescência planejada, não seja um consumidor o mesmo nível de frequência adquirindo em um certo período. Isso faz com que o consumidor tenha que adquirir um novo produto para substituir o "inútil" quando assim, há um lucro para os fabricantes, pois, obrigando os consumidores a comprar produtos novos, obrigando os consumidores a comprar produtos novos.

É evidente que os fabricantes produzem sua produção de forma a obter lucros para os mesmos e para os consumidores. A obsolescência planejada é uma estratégia de marketing que visa diretamente o consumidor. As empresas devem projetar seus equipamentos para que sua duração seja maior e assim, beneficiar o consumidor e a si próprias, para não que equipamentos de qualidade tenham um menor número de consumidores.

Redação 10



Colégio Jardim São Paulo

Aluno J

Quêbra? Corre pra loja!

Obsolescência planejada. Problema que a maioria da população mundial não sabe ou já esqueceu. Porém, o que é obsolescência planejada? Já se tem uma situação comum na vida das pessoas?

Obsolescência programada ou planejada significa a demeruição da vida útil - de maneira estratégica e proposital - praticada por setores industriais. E como consequência, os produtos parecem de funcionar, e em determinadas ocasiões, dentro do prazo estabelecido pela fábrica, essa prática ocorre em grande escala com aparelhos domésticos e eletrônicos.

Esta situação é considerada um abuso na visão dos compradores, já que na maioria dos casos, os produtos possuem um alto valor, e com essa falha no funcionamento de produtos relativamente novos, o cliente busca o conserto e se depara com preços elevados - propositalmente - que acaba optando por um novo aparelho.

Essa prática (alto preço do conserto), ocorre também como uma " jogada de Marketing " por parte das empresas, que visam o aumento de vendas de seus produtos, estimulando o consumismo. Estas estão sempre lançando novos produtos e tecnologias, pois é assim que aumentam sua economia, e no mundo globalizado e tecnológico, muitos clientes tem a " necessidade " de possuir e mais nova tecnologia, apudando o mercado a se mover. No entanto, essa tecnologia não beneficia a natureza, pelo contrário, aparelhos de tecnologia ultrapassada são jogados fora, não passando por nenhum processo de reciclagem, que prejudica a natureza, tanto com os resíduos, como os gases que liberam (por exemplo) liberam na atmosfera.

Portanto, este processo é inevitável e contínuo no mundo consumista e tempo contemporâneo, há poucas chances de reverter uma situação que faz a população ser " obrigada " a gastar cada vez mais com produtos, e no fim das contas, não há uma saída para os indivíduos. Basta exigir através uma tentativa desses produtos serem reciclados para que a natureza não sofra e não tenha consequências (como a população que a obsolescência planejada

cyfra nr planeta -